

## ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (JANEIRO 2017)

Com base na amostra representativa da IACA (que continua a ser de 19 empresas, pese embora uma delas tenha sido substituída por ter saído do universo da IACA, o que altera naturalmente os dados comparativamente aos do ano transato como podem ver nos mapas enviados em 2016) constata-se, em **janeiro de 2017**, uma produção de 193 210 tons contra 177 309 tons produzidas em janeiro de 2016, o que representa uma subida de cerca de 9% face ao período homólogo do ano anterior.

Com base nestes elementos, o aumento da oferta em janeiro, ficou a dever-se a incrementos em todas as espécies, desde logo de 20.8% nas aves, 3.7% nos bovinos e uma relativa estabilização nos alimentos para outros animais (0.8%), suficientes para travar a quebra de 5.3% nos alimentos para suínos.

No entanto, estes valores, por si só, podem confundir a realidade do mercado, que convém desde já clarificar: desde logo porque o número de dias de fabrico em janeiro de 2016 e 2017 são distintos (20 dias no ano passado, contra os 22 dias deste ano) e porque continuamos a ter ganhos de mercado a empresas que antes estavam fora da amostra, com uma relativa concentração na produção, o que é notório nos alimentos para aves. De resto, se extrapolarmos os dias de fabrico, conclui-se que a produção total diária registou uma redução de 0.9%, passando de uma produção diária de 8 865 tons para 8 782 tons neste primeiro mês do ano. Por outro lado, uma análise mais “fina” do mercado das aves, mostra que no segmento da produção dita não “industrial”, registamos igualmente uma retração, na ordem dos 10%, ou seja, a realidade do mercado – extrapolando estes efeitos dentro da amostra – apresenta uma produção relativamente estagnada e um mercado avícola que cresce sobretudo na avicultura industrial (aves e ovos), em detrimento do chamado “mercado rural”.

### Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos (Amostra Representativa)

	Toneladas		
	Janeiro 2016	Janeiro 2017	Variação (%)
AVES	80 514	97 245	20.8
BOVINOS	40 078	41 566	3.7
SUINOS	45 215	42 802	-5.3
OUTROS	11 502	11 597	0.8
<b>TOTAL</b>	<b>177 309</b>	<b>193 210</b>	<b>9.0</b>

O ano começou com perspetivas favoráveis e a economia terá crescido cerca de 2% no último trimestre de 2016. Em Portugal, um ano depois da entrada em funções do Governo e com expectativas relativamente baixas, a economia portuguesa acabou por crescer, em 2016, mais do que se esperava (1.4%), o deficit situou-se nos 2.1%, o nível mais baixo em 40 anos de democracia, e o desemprego a cair para os 10.2%. Impulsionado pelo turismo, pelas exportações e pelo aumento do consumo privado, o desenvolvimento do país continua a ter alguns problemas ao nível da sua sustentabilidade: o baixo investimento e a dívida pública, sobretudo o elevado peso do Estado, que continua a crescer. No quadro europeu, com o Presidente da Comissão a propor 5 cenários para o futuro da União Europeia, passadas as eleições na Holanda, a incerteza continua a marcar o calendário, condicionado, para já, pelo *Brexit* e pelas

eleições em França e na Alemanha. De destacar ainda a consulta pública sobre o futuro da PAC pós-2020 e as discussões relativas ao orçamento plurianual ou os acordos comerciais para impulsionar as exportações e o equilíbrio dos mercados, em que o agroalimentar (com a carne de porco à cabeça) bate sucessivos recordes.

### Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

Toneladas

	2015	2016	2017	VAR% 2017/16
<b>JANEIRO</b>	<b>179 056</b>	<b>177 309</b>	<b>193 210</b>	<b>9.0</b>
FEVEREIRO	165 332	177 524		
MARÇO	190 367	198 431		
ABRIL	189 072	184 805		
MAIO	176 539	189 448		
JUNHO	187 051	190 945		
JULHO	198 635	184 806		
AGOSTO	183 930	199 259		
SETEMBRO	190 410	196 772		
OUTUBRO	199 514	199 257		
NOVEMBRO	189 311	196 960		
DEZEMBRO	195 631	188 594		
<b>TOTAL</b>	<b>2 244 848</b>	<b>2 284 110</b>	<b>193 210</b>	<b>9.0</b>

### Quadro 3 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2016	2017	2016	2017	2016	2017	2016	2017
<b>JANEIRO</b>	<b>81</b>	<b>97</b>	<b>40</b>	<b>42</b>	<b>45</b>	<b>43</b>	<b>12</b>	<b>12</b>
FEVEREIRO	82		39		45		11	
MARÇO	95		41		50		12	
ABRIL	91		38		45		10	
MAIO	95		39		45		11	
JUNHO	97		39		45		10	
JULHO	96		38		42		9	
AGOSTO	102		42		46		10	
SETEMBRO	100		42		45		10	
OUTUBRO	101		42		47		9	
NOVEMBRO	96		44		47		11	
<b>DEZEMBRO</b>	<b>92</b>		<b>42</b>		<b>45</b>		<b>10</b>	
<b>TOTAL</b>	<b>1128</b>	<b>97</b>	<b>485</b>	<b>42</b>	<b>546</b>	<b>43</b>	<b>125</b>	<b>12</b>

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Embora seja demasiado cedo, considerando as empresas que integram esta nossa base de monitorização mensal, apesar da diferença de dias de fabrico já assinalada, são 11 as que melhoram a produção face a janeiro de 2016, representando 65.8% de quota de mercado, contra os 58.3% de 2016, o que significa um relativo aumento na concentração da atividade, tendência que se tem vindo a desenhar nos últimos anos e um pouco por toda a Europa.

Por outro lado, no que respeita ao chamado “**mercado livre**”, registou-se, neste início de ano, uma quebra inferior a 1%, praticamente uma relativa estabilidade, muito abaixo da média do mercado medido pela amostra, em que se existe um efeito de travagem, pelas aves, temos por outro lado o relativo incremento nos bovinos, sobretudo na componente carne, face á redução nos alimentos para vacas leiteiras. A capacidade de concorrência neste segmento continua bastante resiliente, com um peso dentro da amostra de 35.8% em janeiro de 2017, contra os cerca de 39% de 2016.

Ao nível da **conjuntura dos produtos animais**, no setor **avícola**, o frango vivo situa-se entre 0.80 e 0.85 €/kg de peso vivo (1.30 €/kg carcaça nos mercados grossistas), com tendência de estabilidade, o peru nos 2.45 €/kg carcaça e os ovos com cotações entre 0.85 e 1.02 €/Kg, superiores às registadas em fevereiro, a mostrar alguma estabilidade; não existem, para já, expetativas de preços em alta pelo menos até ao período que antecede a Páscoa.

Nos bovinos de **carne**, assistimos a uma manutenção (na Bolsa, por maioria), em todas as categorias e classificações, em linha com a conjuntura das últimas semanas, com os novilhos nos 4.10 €/kg carcaça, as vitelas nos 4.40 e as vacas nos 2.20 €/kg carcaça.

No **leite**, os dados disponíveis e divulgados pela Comissão Europeia, mostram que Portugal aderiu de forma muito significativa ao programa de redução voluntária, com uma quebra de 24% na produção de leite no período de outubro e dezembro de 2016. Aderiram a este programa 43 968 produtores em toda a União Europeia (912 em Portugal), com uma quebra global de 851 700 tons. No nosso País, a redução foi de 15 090 tons de leite, numa média de 17 tons/produtor (19 tons na UE). Uma conjuntura, aliás já esperada, que não deixará de ter impacto na indústria de alimentos compostos para animais, mas que poderá conduzir, pela diminuição da oferta global europeia, a uma melhoria nos preços de mercado. Para já, notam-se sinais de retoma, pese embora as dificuldades do setor.

Nos **suínos**, prossegue a tendência que se vem acentuando desde há algumas semanas, de aumento das cotações, assistindo-se a uma subida (sustentada?) de 0.020 €/kg carcaça na Bolsa de 16 de março. Enquanto Espanha segue a tendência de Portugal, França, Holanda, Dinamarca e Alemanha apontam para a estabilidade. Por cá, continuam as reuniões em torno do Projeto Porco.pt, com a FPAS a aprovar o caderno de encargos apresentado pela IACA relativamente às especificações. As recentes IX Jornadas Internacionais de Suinicultura, em Vila Real, foram um bom exemplo do potencial de afirmação e de promoção do Setor, ao nível das estratégias, debate, reflexões e renovação de gerações. Existe esperança, vontade, capacidade de inovação e de entreaajuda, entre os representantes da Fileira, a Universidade e a Investigação.

Por último, uma nota para as principais matérias-primas: com um mercado mundial relativamente bem aprovisionado, denota-se uma tendência de ligeira quebra nos preços dos cereais e na soja, com movimentações altistas na soja integral e estabilidade na colza. Em Espanha, com cotações mais baixas, as tendências são semelhantes.

Pese embora a volatilidade e a incerteza, quer devido aos fundos e fluxos financeiros, alterações cambiais ou o “mercado do tempo”, que reflete os estados das colheitas, continuamos com cotações que permitem travar ou mitigar os baixos preços dos produtos animais nos produtores pecuários. Que assim deverão continuar nas próximas semanas...